

Dinheiro do “jumbo” só sai dentro de duas semanas

Nova Iorque — U. Dettmar

Nova Iorque — Numa cerimônia simples, o Ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, e o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, participaram ontem, com o banqueiro William Rhodes, da assinatura da segunda fase da renegociação da dívida brasileira, definido na ocasião por Rhodes como “o maior empréstimo tomado por um país soberano na história do euromercado”. Ontem, o **jumbo** estava em 6,5 bilhões e, segundo Rhodes, poderá ultrapassar em 50 milhões a meta prevista.

A cerimônia foi assistida pelo Ministro do Planejamento, Delfim Neto, que sentou-se à mesa mas não assinou os documentos de 400 páginas cada (90 de contrato) e pesando 1,5 quilo. A primeira parcela do **jumbo** de 6,5 bilhões de dólares será liberada dentro de duas ou três semanas mas, ao contrário do que estava previsto, a liberação deverá ser em três parcelas de 1 bilhão de dólares, com uma semana de intervalo entre cada uma.

OUTRO HOTEL, OUTRO TOM

A medida, que ainda não está definitivamente decidida, foi sugerida pelo Brasil para evitar grande concentração de **funding** num só dia, o que elevaria as taxas de juros a serem pagas pelo país. Assim, somente no início de março o Brasil terá fechado o seu balanço de pagamento de 83, quando liquidar cerca de 1 bilhão 700 milhões de dólares de atrasados — segundo informação de José Madeira Serrano, diretor da área externa do BC — a maior parte composta de juros e serviços de capital. O **fee** (comissão) que o Brasil pagará pelo **jumbo** é de 1%.

A assinatura começou depois das 10 horas da manhã no Wedgewood, um pequeno salão em tons pastels no subsolo do Hotel Pierre, bem longe da imponência do **Terrace Room** (Salão do Terraço) do Hotel Plaza, onde o Brasil assinou a fase um de sua renegociação, em fevereiro do ano passado. O Ministro Delfim Neto chegou atrasado e, desta vez, não houve filas de banqueiros para assinar os contratos. O tom, apesar do volume da operação, era bem menos triunfal que há 11 meses.

Galvêas fez um breve discurso em inglês e português, começando por afirmar a “satisfação e gratidão do Governo brasileiro pelo grande exemplo de cooperação internacional que podemos resumir na cerimônia simples desta manhã”. Acentuou a posição do Brasil

como um dos maiores devedores, mas fez questão de deixar claro que, em termos relativos, considerando a sua população, renda **per capita** e as potencialidades, o país não é o maior devedor do mundo.

— Eu diria que somos um dos parceiros principais nesse jogo — disse — acentuando a cooperação dos bancos, governos e instituições oficiais para percorrer o caminho difícil e superar os obstáculos. Galvêas acrescentou que, com a assinatura, “o Brasil marcou um ponto importante, tanto na área interna como na área externa. Os contratos que estamos assinando deixam perfeitamente equacionados os problemas de balanço de pagamentos para 1984”.

UM RECORDE MUNDIAL

Rhodes foi ainda mais breve. Dizendo falar em nome do comitê, parabenizou o Governo brasileiro e fez questão de dimensionar o pacote, afirmando que, em suas quatro linhas (dinheiro novo, reestruturação da dívida em 84, comércio e interbancário), “teremos um total de 28 bilhões de dólares, o que constitui o maior crédito assinado em um só dia”.

Qualificou o esforço dos negociadores de “tremendo”, afirmando que, quando a renegociação começou, no verão (americano) passado, foi chamado por muitos de “missão impossível”.

— Mesmo há dois ou três meses, havia gente que não acreditava que passássemos dos 5 bilhões de dólares — lembrou. Para ele, o término das negociações “é um voto de confiança ao progresso que o Brasil está fazendo para implementar o seu programa de ajustamento econômico”.

Mesmo ontem, dia da assinatura, não havia concordância quanto ao número de bancos que participam. Num comunicado distribuído pelo Citibank, fala-se em “mais de 700 bancos”. Rhodes afirmou que cerca de 600 instituições participaram do **jumbo** e, nos demais projetos, o total foi maior. Já Pastore estimou em 520 o número de bancos que aderiram ao empréstimo de 6,5 bilhões.

As assinaturas deverão continuar até o final da próxima semana e, se a meta do **jumbo** for ultrapassada, os brasileiros e o comitê de assessoria deverão resolver se usam o total como reembolso, dividido proporcionalmente entre os bancos, ou se o acrescentam ao **jumbo**.



Assinatura do crédito jumbo reuniu Galvêas, Rhodes e Delfim no Salão Wedgewood